

OTÁVIA SILLA

# A Casa de Nossos Nomes

*Primeiros Capítulos*

Copyright © 2025 by Otávia Silla

*All rights reserved. No part of this publication may be reproduced, stored or transmitted in any form or by any means, electronic, mechanical, photocopying, recording, scanning, or otherwise without written permission from the publisher. It is illegal to copy this book, post it to a website, or distribute it by any other means without permission.*

*First edition*

*This book was professionally typeset on Reedsy.*

*Find out more at [reedsy.com](https://reedsy.com)*

# Contents

<i>Preface</i>	iv
Prologue	1
Introduction	3
1 People are Strange — The Doors	11

# Preface

## Aviso de conteúdos sensíveis

Este livro aborda temas que podem ser perturbadores ou desencadear reações negativas em alguns leitores. Abaixo, os tópicos presentes ao longo da narrativa:

- Agressões, ameaças e tortura emocional.
  - Abuso verbal, condutas inapropriadas, exploração e coação.
  - Marcas deixadas por abuso, manipulação e controle.
  - Episódios em ambiente familiar e dinâmicas de poder assimétricas.
  - Presença de álcool e drogas, com consequências negativas.
  - Mortes violentas e processos intensos de perda.
  - Vínculos abusivos, manipulação emocional e ausência de cuidado.
- Abuso de poder, vergonha e destruição simbólica diante de terceiros.
- Descrições gráficas, inclusive em contextos de desequilíbrio de poder.

Esta obra investiga as contradições da natureza humana em contextos de violência, desejo, lealdade e resistência.

Leia com cautela caso algum desses temas seja sensível para você. Interrompa a leitura sempre que necessário e busque apoio se algo tocar experiências pessoais.



## Prologue

Em 1952, vinte e oito famílias italianas se instalaram no centro-oeste paulista, fundando a colônia de Capitolina. Entre elas, sobrenomes que atravessariam gerações: Leone, Garofallo, Senatore, Zanette.

Os Senatore, já poderosos desde a Itália, receberam uma porção de terra junto à pedra fundamental da cidade — onde ergueram a igreja católica.

Os Garofallo, vindos de Nápoles, chegaram em desvantagem: menos recursos, menos homens. Ficaram com áreas afastadas dos melhores bocados. Mas negociaram. Expandiram.

Rafael Garofallo imigrou para o Brasil com a esposa e o filho mais velho, Antonio. Em menos de quinze anos, perdeu os dois — e foi o filho mais novo, Vittorio, quem chegou em 1976 para assumir o legado.

Frederico Senatore trouxe a esposa, o filho Fausto e parte da parentela. Fausto, por sua vez, teve três filhos: Ângelo, Sandra e Valentino.

A rivalidade entre as famílias cresceu com o tempo.

Os Senatore ostentavam mais do que arrecadavam. Os Garofallo, em silêncio, consolidavam um império.

Em 1986, Vittorio morreu num “acidente” de carro — um golpe silencioso, orquestrado por Fausto Senatore.

Dante Garofallo tinha catorze anos quando herdou os negócios do pai. Anos depois, sem saber da armadilha, aceitou casar-se com Marcela Senatore — deserdada — mãe de uma filha “bastarda”: *Marianna Vilhena*.

As duas chegaram à *Villa* em março de 1990.

*E um pacto mais forte do que o sangue foi selado.*

**Capitolina, 9 de janeiro de 2000.**

*Marcela Senatore Garofallo*



# Introduction

No começo, éramos apenas eu e ela.

Eu ainda era bem pequena quando comecei a perceber como a nossa dinâmica familiar funcionava. Desde o princípio eram o cheiro dela, seus braços me embalando e o som da sua risada — tão cristalina que parecia fazer os sinos de Deus dobrarem.

Marcela era minha mãe: linda, alegre, cheia de luz, quase nunca brava comigo. Eu era o seu milagre. Tudo o que eu fazia era observado com adoração e cuidado, e eu desbravava o mundo destemida por sentir minha mão segura entre as suas.

Ela se sujava de terra comigo e, depois, tomávamos banho de mangueira. Deitávamo-nos na grama — sua cabeleira loira espalhada como um halo dourado — enquanto víamos formas nas nuvens sob o céu de verão. Eu gostava de olhar as sardas que lhe salpicavam o rosto como uma cartografia única. Era assim: uma pela outra — e mais nada.

Às vezes, ela me contava histórias sobre a “família”, que soavam como lendas de um mundo distante, quase fictício.

— A família protege os seus, meu amor — dizia, acariciando meus cabelos. — Mas, com proteção, vêm responsabilidades. E não pense que tudo são flores; há muita crueldade em quem cuida.

Eu não entendia tudo. Só sabia que “Senatore” era mais que um sobrenome: uma palavra quase mágica, capaz de dar poder — desde que suas regras fossem obedecidas.

O que não foi o caso dela.

Mamãe engravidou aos treze anos e sempre dizia que eu lhe havia dado asas.

— Você me deu coragem para me libertar — repetia, com uma luz nos olhos que eu ainda não compreendia.

Marcela enchia nossa casa de música, alegria e figuras excêntricas: músicos, andarilhos, sonhadores. Sempre havia alguém dedilhando um violão, compondo, testando um CD novo. Jazz, blues, rock, bossa nova — uma profusão de ritmos que aprendi a amar desde cedo. Eu, criança tranquila e quase taciturna, observava-a transformar cada lugar com uma presença que era só dela.

Na época, me escapavam certos sentimentos ambíguos. Eu tinha ciúmes por tê-la de dividir com tanta gente, mas também invejava aquela vivacidade. Ela não tinha namorados fixos, mas sempre havia amigos por perto. Alguns mais íntimos passavam algum tempo em seu quarto e, depois disso, nossa mesa ficava mais farta. Pode julgar se quiser, mas aprendi que, no mundo, nos defendemos com as armas que temos. E ela não tinha muitas.

Com o tempo, percebi o vício que lentamente lhe tirava parte da dignidade. Alguns se aproveitavam, trazendo garrafas e outras substâncias para dentro de casa. Não eram raros os momentos em que os excessos a faziam desmaiar no banheiro — e, nessas horas, os amigos desapareciam.

Eu molhava seu rosto com uma toalha fresca, segurava seus cabelos dourados enquanto seu corpo se contorcia, tentando expulsar o álcool consumido.

— Mamãe, vai ficar tudo bem. Eu estou aqui, tá bom?  
— sussurrava, sem saber se acreditava nas minhas próprias palavras.

No dia seguinte, não havia desculpas — apenas voltávamos à rotina. E, não importava quão longe tivesse ido na bebida, Marcela sempre se levantava, preparava meu café, arrumava meu uniforme da escola. Eu observava seu semblante opaco.

— Nem sempre a vida é aquilo que esperamos, Mari.

Palavras que, desde cedo, aprendi a carregar como uma maldição silenciosa. Quando vizinhos começavam a fazer perguntas demais ou telegramas misteriosos chegavam acompanhados por um carro preto, sabíamos que era hora de partir. Sempre juntas, como uma companhia mambembe de duas pessoas.

Os rostos passavam turvos pela inexorabilidade da vida, enquanto eu os observava pela janela de um ônibus sem destino final. O calor sufocante de Campo Grande queimava até latejar; a beleza gelada de Porto Alegre cortava fundo na pele. Até que São Paulo se tornou nosso ponto final. Lá ficamos mais tempo. Foram os melhores anos. Marcela ainda bebia, e eu ainda cuidava dela — mas agora havia equilíbrio. Ela não era mais uma menina tentando parecer mulher; havia se tornado uma.

Dormíamos juntas. Ríamos muito.

São Paulo foi nosso momento de paz. Não havia carros pretos rondando, nem vizinhos curiosos. Pela primeira vez, parecia que estávamos seguras.

Até que, um dia, a campanha tocou.

Mamãe abriu a porta animada, comentando algo sobre uma encomenda, mas então parou. Eu vi seu semblante esmaecer; a cor se dissolveu do rosto, os olhos perderam o brilho e os dedos se agarraram ao batente como se o corpo tivesse ficado pesado demais. O ar congelou.

E lá estava ele.

Fausto. Alto, aristocrático, olhos castanhos inescrutáveis,

nariz aquilino, lábios finos e rígidos. Fumava um Carlton, que apagou na sola do sapato lustroso.

— Mari! Vai para o seu quarto — ela ordenou, num tom raro.

Eu não obedeci. Encolhi-me na cozinha, vendo-o se jogar aos pés de Marcela, implorando perdão. Era surreal. Quanto mais ele falava, mais eu encolhia.

— Perdoe-me, Marcela! Pelo amor de Deus, perdoe-me! — suplicava. Seu tom soava falso. Os olhos, inexpressivos.

— Não devia ter deixado você ir embora... Eu não sabia como assumir meus erros.

Ele se levantou.

— Agora vou cuidar de você e dela. Vocês terão uma boa casa, um sobrenome, um marido digno.

Marcela reagiu:

— Eu não vou! Não importa quão boa seja a vida que você oferece. Me livre! Estou livre de vocês e jamais voltarei àquela cidade maldita!

— Não perguntei, Marcela. Não estou dando alternativas.

— Não sou mais aquela menina boba de treze anos; você não pode mais me manipular! E, se eu não for, o que pensa que pode fazer contra mim?

Ela respondeu altiva, crescendo em sua pequena estatura. Ele se aproximou um pouco mais, sorrindo num gesto quase afetuoso, deslizando a mão pelo pescoço — o afeto vinha de outros tempos e deixava um eco de perigo na pele. Por um instante, ela aceitou o toque.

— O que for preciso para tomar Marianna de você.

Eu gelei. Fiquei estática em meu pavor. Será que ele realmente podia me tirar de minha mãe?

Foi o suficiente. Resignada, Marcela foi até o quarto. Eu queria gritar, mas só soluçava. Naquele momento, entendi: até o amor

mais luminoso se dobra a sombras que não conseguimos evitar.

Fausto me notou. Aproximou-se, passando a mão pelo meu cabelo.

— Você deve ser Marianna. Sou Fausto. Acredite, eu sei o que é melhor para vocês.

Marcela voltou com as malas. Colocou-se entre nós com lágrimas mudas. Quando Fausto tentou me pegar, ela reagiu:

— Não toque nela!

Ele recuou, irritado.

— Vamos agora.

Não houve despedidas. Meu ursinho ficou para trás — aquele que crescera comigo, que dormia toda noite na mesma cama e me acalmava nas noites de chuva, quando mamãe estava inconsciente demais para se lembrar de mim. Abandonado, assim como meu projeto escolar: feijõezinhos crescendo no algodão, esticando-se teimosos rumo à luz. Meus feijõezinhos teriam de se virar sozinhos.

Que fosse — eu também estava aprendendo a mesma lição!

Uma última olhada para trás: Pepito, que só tinha um olho de botão, esmagado entre a porta do guarda-roupa e a cama. Já os feijões, agora, pareciam murchar na claridade da janela.

Esse foi o adeus que não pude dar.

Durante a viagem, mamãe encostou a cabeça na minha, acariciando meu rosto, e, baixinho, cantou *Fai la ninna, fai la nanna*, a canção de ninar que minha nonna cantava para ela quando criança.

Estávamos voltando. Voltando para a cidade da qual ela fugira comigo nos braços. Dez anos depois, retornávamos.

E eu me perguntava:

Será que ela me odiaria por trazer aquelas dores de volta?

Capitolina era uma cidade minúscula, um grão de poeira no

mapa, onde todos se conheciam e nenhum segredo permanecia oculto por muito tempo. Lá, duas famílias dominavam tudo — os Senatore e os Garofallo — unidos e separados por laços de sangue, ódio e, às vezes, amor.

As diferenças entre as duas famílias eram nítidas: os Senatore eram ricos e “intelectuais”; os Garofallo conquistaram tudo com esforço e astúcia. E era com um Garofallo que Marcela estava sendo obrigada a casar-se — um favor que Fausto negociou com seu maior rival.

Fausto a entregava ao herdeiro solitário como um prêmio caro e valioso. Em troca, conseguiu abrir portas de negócios, juntando seu nome ao dele.

Chegamos ao entardecer, sob um céu em brasa. Capitolina parecia uma maquete mal montada da Itália, com casas desproporcionais, fontes secas e estátuas deslocadas no tempo. Exausta, encostei a cabeça na janela, tentando entender aquela mudança radical.

— Você está bem, Marianna? — Marcela perguntou, com o semblante tingido de medo nos olhos.

Balancei a cabeça, mas queria dizer muita coisa que morria engasgada na garganta. Em vez disso, apenas murmurei:

— De um jeito ou de outro, as coisas sempre ficam bem, mamãe.

— É, minha filha. — Ela me puxou para junto de si, beijando minha testa, depois voltou a encarar a cidade. — Agora fazemos parte disso.

Ao dobrar a estrada, avistamos os portões da Villa Garofallo, forjados em ferro ornamentado. Na entrada, uma venda abastecia tanto os moradores quanto os visitantes atraídos pela promessa de uma Itália brasileira.

O carro avançou pouco a pouco. À esquerda, um bosque; à

direita, a casa principal chamava minha atenção: bela, de campo, dois andares, janelas tão grandes que pareciam portas.

O veículo estacionou diante da escadaria de entrada. Foi então que reparei num garoto no jardim: alto, bronzeado, trabalhava sem camisa, gotas de suor escorrendo pelo corpo marcado. Quando nos fitou, seus olhos cinza pareciam um céu de tempestade.

Fausto o chamou pelo nome: Dante.

O futuro marido de Marcela, a força por trás do império Garofallo, era praticamente uma criança.

À medida que ele se aproximava, minha curiosidade crescia: o nariz ligeiramente torto, os lábios precisos, quase austeros. A confiança no rosto de quem não pede licença para existir.

Dante se aproximou com um sorriso genuíno.

— Desculpem os trajes, meninas. Achei que iam gostar de ter roseiras no jardim.

Marcela sorriu.

— Um gesto delicado, Dante. Obrigada.

Ele então se voltou para mim.

— Você deve ser Marianna. Nada vai te faltar, Piccola. São minha família agora!

— Quantos anos você tem? — perguntei, direta.

Ele sorriu, um pouco desconcertado.

— Quase dezoito, figlia mia.

Figlia mia. Palavras estranhas. Nunca houve pai na minha vida.

— Não importa a idade. Eu cuido dos meus! Minhas mãos já plantaram e fizeram guerra, Marianna. — Exibiu as mãos: eu via a terra, os calos, as unhas roídas. Eram mãos reais, de quem trabalhava com afinco. — Cuido dos meus, e isso basta.

Eu percebi: com Marcela, eu era flor; com Dante, seria aço.

Uma transformação inevitável e assombrosa.

Ele estendeu a mão.

— Entrem. Estão seguras agora.

Fausto nos observava. Seu olhar me dizia que ele havia ganhado um jogo sórdido. Destroçou o coração de Marcela e, de brinde, arrebatou o meu — ainda sem defesa.

A vida iria mudar, e nada, absolutamente nada, me preparava para a tempestade que se aproximava.



# 1

## People are Strange — The Doors

“Quando a casa não te aceita, o espelho estranha o teu rosto.”

A casa era grande e acolhedora, com móveis elegantes e neutros. Havia um perfume discreto no ar — algo fresco, entre lavanda e limão. Meus pés ecoavam suaves no piso frio enquanto eu devorava tudo com olhos ávidos.

— Marianna — disse ele, tímido, — eu não sabia o que você preferia, que cores você iria gostar. Então deixei as paredes brancas.

Marcela riu.

— Acertou sem querer, Dante. Mari nunca foi de cor-de-rosa e frufu. A única coisa fofa que ela gosta é ursinho de pelúcia.

O rosto dele se iluminou de um jeito puro. Tomou minhas mãos, desajeitado. Havia força nelas; não era gesto dado com

facilidade.

Parou na porta do quarto. A ansiedade me apertava o peito.  
Abriu.

Era simples, mas caprichado: uma cama só minha e, bem no centro, um ursinho novo me dava boas-vindas. Aproximei-me devagar, emocionada.

— Olha, mãe, é mais bonito que o Pepito.

Falei baixo, lembrando do ursinho que ficou para trás. Mamãe ria e chorava ao mesmo tempo.

— É, meu amor. Muito mais bonito.

Comecei a explorar. Abri uma porta: um banheiro só meu, com cremes brilhantes que eu só via nas mochilas das meninas da escola. Cheguei às estantes suspensas — tantos livros. Livros que eu sempre pegava na biblioteca e devolvia com dor. Na ponta dos pés, passei a mão pelas lombadas, sentindo-as respirarem sob meus dedos.

Minha atenção se voltou para Dante, que me observava com uma doçura quase desconcertante. E eu procurava nele alguma sombra, algo ruim, como eu sentia em Fausto ou nos homens que cruzavam a vida da minha mãe. Mas, naquele rosto moreno de menino, nos olhos translúcidos que pareciam atravessar minha alma, só encontrei bondade.

Surpreendi a mim mesma ao abraçá-lo, colando o rosto à sua pele suada. O cheiro rústico do trabalho me reconfortava.

— Marianna — murmurou, embaraçado, passando a mão nos meus cabelos como quem afaga um bichinho, — estou todo sujo e suado.

— Não me importo — sussurrei.

E era verdade.

Na minha vida, nunca houve espaço para uma terceira pessoa. Mas, naquele dia, no calor áspero de um gesto simples, alguém

me mostrou que talvez houvesse lugar para mais de um tipo de amor. Senti seus braços me envolvendo e ali eu soube: Dante me protegeria até o fim.

Pela primeira vez, senti que era vista de um modo que nem Marcela, em sua fragilidade, conseguira.

Ele se afastou, fazendo um gesto sutil para que mamãe o acompanhasse. Escutei a porta fechar quando saíram.

Algum tempo depois, mamãe reapareceu, abrindo devagar.

— Mari? Está tudo bem, meu amor?

Eu estava no chão, lendo e ainda abraçada ao ursinho.

— Está, mãe. — Fechei o livro e arrisquei, animada: — O Dante é diferente, né?

Ela sorriu, sentando-se ao meu lado.

— É, sim. Mas ele é bom para ser seu irmãozinho, não para ser meu marido. — Fitou-me de esgueira, pegou o ursinho do meu colo, apertando-o. — É novinho demais, mas parece boa pessoa. Vai cuidar bem de você.

“Será?”, pensei, calada. Tinha medo de que tudo aquilo viesse com um preço.

Ela deu um tapinha leve na minha testa, quebrando os pensamentos.

— Agora vai tomar banho. Ele pediu para a funcionária preparar um banquete.

Sorri, ansiosa. Mal podia esperar para usar os cremes cheirosos do banheiro. Eu, Marianna Vilhena, agora tinha até perfume de menina rica.

\*\*\*

Nas gavetas do meu quarto havia inúmeras roupas novinhas. Escolhi um macacão jeans e uma camiseta da Pakalolo — marca

que eu só tinha visto nas novelas. Desci para o jantar. Mamãe e Dante conversavam, bebendo vinho. Pelo som arrastado da risada de mamãe, eu sabia: ela já estava alcoolizada.

Parei no alto da escada, e a alegria da pele perfumada pareceu se dissipar.

Dante tentava parecer adulto: camisa de linho amarrotada, punhos dobrados, gravata mal ajustada. Um menino tentando ocupar o lugar do pai. Virou-se, indicando que eu me sentasse à frente de mamãe, enquanto ele dominava a cabeceira da mesa.

Mamãe não mentiu quanto ao banquete. Dora entrava trazendo pratos e mais pratos. Miúda, cinturinha delicada e braços surpreendentemente firmes, carregava no rosto uma astúcia serena. Parecia curiosa e encantada comigo: perguntava do que eu gostava, qual prato preferia, estudando cada resposta e montando um mapa mental de mim.

Dante passou a noite falando sobre músicas, filmes, filósofos. Eu escutava, embevecida, certa de estar diante da pessoa mais interessante que já conhecera. Mamãe, por outro lado, esvaziava uma taça atrás da outra. Até que ele pousou a mão sobre a dela num aviso silencioso. Ela riu, ignorando.

À medida que a noite avançava, Marcela se tornava mais agressiva, lutando com as dores que a trouxeram até ali e a obrigavam a esse noivado ridículo. A tensão em sua voz, quando se dirigia a Dante, era quase insuportável. Eu via a fragilidade dela, escondida atrás de palavras afiadas, e sentia um peso no peito — queria humilhá-lo, como se fosse ele o causador de sua própria tragédia.

Levantou-se de súbito, andar insolente, foi até a coleção de discos de Dante.

— Jovenzinho de bom gosto — provocou, pondo The Doors pra tocar.

A melodia sombria de “People Are Strange” invadiu a sala como um espectro. Marcela dançava, provocante. Era trágico e quase belo vê-la girando, abraçando seus fantasmas. Observava Dante vez ou outra. Consciente da própria beleza, testava até onde podia levar o jovem prometido. Eu, com a atenção cravada nela, cutucava a cutícula até sentir o ardor do sangue fresco — e escondi as mãos debaixo da mesa.

— Dante, você já esteve com uma mulher? — riu, quase cruel, enquanto os quadris se moviam. O sorriso dizia: “Olha o que você não tem. Veja o que nunca terá”. Vi a reação dele: tensão crescente no corpo, manchas de cor nas orelhas. Um rapaz, ainda inexperiente, diante de algo com que não sabia lidar.

— Por favor — a voz saiu entre os dentes cerrados, — não estamos sozinhos.

Ela riu.

— A Mari? Já presenciou algumas indiscrições minhas. — Rodopiou, sorriso enviesado. — Erro meu esquecer que portas existem.

Fui eu quem corou; o rosto em chamas, afogada em lembranças que eu evitava.

O suor escorria da testa de Dante; ele fitou meu rosto, constrangido, e a irritação cresceu.

— Basta. — Não precisou elevar a voz.

Cruzou a sala e, com rudeza, jogou Marcela sobre os ombros.

— Se não sabe se comportar com a sua família, vai ficar no quarto como a criança birrenta que é.

Marcela ria, satisfeita por arrancar uma reação.

— Calma, Dante, isso não era um convite. — Ela não conseguia parar de rir.

— Mesmo se fosse, a resposta seria não!

Ouvi sua voz se afastando e, depois, o clique da porta.

Fiquei estática, queixo colado no peito, esperando algum barulho, grito, estalo — temia o que ele pudesse fazer com minha mãe. Dora apareceu e pousou a mão no meu ombro, fazendo-me sobressaltar.

— Fica calma, menina. O Dante só vai colocar ela pra dormir, antes que se envergonhe mais.

Logo ouvi seus passos de volta. Dora sorriu.

— Vou ver como a Marcela está. E você... — Virou-se para ele com o dedo em riste. — Pega um docinho pra amolecer esse gênio ruim.

Dante sentou-se novamente, como se nada tivesse acontecido, e pousou a mão sobre a minha.

— Prepare-se, *Piccola*, a Dora faz os doces mais gostosos que já comi.

Apesar do espanto, um alívio morno me cobriu — sensação de escudo.

Assenti sorrindo para ele.

Mais tarde, fui me deitar. Dante seguiu para o escritório. Depois, ouvi seus passos distantes abrindo o quarto de Marcela. Acabei adormecendo.

Acordei com ele entrando devagar no meu quarto. O pulso acelerou — até eu reconhecê-lo.

— Calma, calma, *Piccolina*. Só vim ver como você está. — Só se ouvia a minha respiração. — Tudo isso parece estranho para você também, não é?

— Um pouco — a voz ainda trêmula.

Ficamos em silêncio.

— Posso me aproximar?

— Pode.

Sentou-se no chão ao lado da cama. Pensando agora, acho que não queria dormir com a mulher que invadira sua vida,

mas também não queria se sentir sozinho. Buscava, em minha companhia, uma forma de silenciar os próprios fantasmas.

Deslizei sob as cobertas. Sua presença, silenciosa e densa, era mais reconfortante que qualquer toque. O cheiro — limão, manjerição — tinha algo de calmante.

— Já deu nome pra ele? — perguntou, sobre o ursinho.

Silêncio.

— Uma hora a inspiração certa vem. Agora dorme, *Piccolina*. Eu vou ficar. Não precisa se preocupar com nada.

O calor dele atravessava os lençóis limpos.

E eu adormeci ali, o corpo enfim cedendo, sob sua vigilância — grata por alguém se preocupar tanto comigo, mas sabendo, no fundo, que nada é assim tão bom ou tão puro.

Nem mesmo o amor. Sobretudo o amor.

